

historiográfica do século XVIII.

Talvez possamos indicar uma obra de Raynal, a "História filosófica e política dos estabelecimentos e do comércio dos europeus nas duas Índias"⁷, como um raro exemplo de como se pode estruturar a história a partir das novas teorias do século XVIII.

A obra de Voltaire "Essai sur les moeurs et l'esprit des nations" também pode ser arrolada como exemplo desse novo tipo de história, uma vez que Voltaire deixa de lado a história militar ou dinástica e se propõe a percorrer o globo terrestre e a analisar a maneira pela qual foi alcançada a "civilização". Voltaire também publicou o "Século de Luís XIV", obra muito criticada durante a época revolucionária. Para muitos, essa obra foi mais uma reabilitação de Luís XIV do que o estudo do século como um todo, visto que consideraram o espaço destinado à corte nessa obra muito mais importante do que o ocupado pelas Artes e Ciências.

Não podemos deixar de lembrar que o pensamento revolucionário utilizou-se do tema do retorno a uma liberdade perdida, ou melhor, usurpada pelo despotismo dos monarcas absolutos. Por isso, assistimos nesse período a um incremento da utilização do modelo greco-romano. O Neoclássico afirmou-se em diversos campos, como nas artes, na arquitetura e na História. Qualquer obra, portanto, que glorificasse o passado recente e centralizador da sociedade absolutista não seria compatível com o ideário revolucionário. Dessa maneira, a obra de Voltaire sobre o século de Luís XIV não encontrou uma boa acolhida após os acontecimentos revolucionários de 1789.

O século XVIII representa um período de grandes mudanças, dentre as quais podemos destacar a formação de uma disciplina histórica com suas contradições e desajustes. As discussões teóricas não tiveram uma contrapartida na prática dos historiadores. Nesse sentido, podemos perceber que uma história moderna e "científica" não se efetivou realmente durante aquele século.

A PEDAGOGIA E A HISTÓRIA NO SÉCULO DAS LUZES

A reforma preconizada pelo movimento ilustrado está intrinsecamente ligada à eficácia das práticas pedagógicas. A pedagogia representava o caminho racionalmente possível no sentido dos ideais de igualdade. Essa preocupação com a reforma racional da sociedade reflete-se na concepção de que a educação dos príncipes deveria ser feita pelos filósofos, representando um instrumento ideal para a propagação das "Luzes".

A pedagogia propiciaria a longo prazo uma diminuição ou até a eliminação das diferenças sociais entre uma elite culta, bem pensante, e a maioria da população, ignorante, supersticiosa e mal-educada. Para que isso fosse alcançado, seria necessária a difusão de estabelecimentos educacionais controlados pelo Estado. Essa posição, apoiada pela maioria dos filósofos, significava uma tomada de consciência do papel da educação pública, da emergência dos nacionalismos, da construção do espaço da cidadania e de uma herança particular própria, ideais preconizados no período pós-revolução francesa, em oposição ao cosmopolitismo e

Volney no contexto revolucionário e na implementação de uma história renovada e o seu respectivo ensino nas escolas.

O teor contundente e messiânico ligado à transformação da sociedade e o elogio da revolução enquanto símbolo de uma nova era que encontramos em sua obra “Ruínas ou meditação acerca da transformação dos Impérios”, podem ter sido fonte de inspiração e de propagação de idéias revolucionárias. Sua leitura foi bastante difundida, sendo feita, por exemplo, por alguns integrantes do movimento baiano de 1798.

R
E
V
I
S
T
A
D
E
H
I
S
T
Ó
R
I
A
S
ua crítica aos excessos da utilização do modelo greco-romano no ensino da história elementar e nos próprios discursos parlamentares demonstra a sua preocupação pedagógica e ética quanto à utilização da história. Seus questionamentos feitos nas “Lições de História” demonstram, já naquele momento, suas críticas quanto aos excessos do terror, que eram considerados como puros atos de terrorismo, não contribuindo para a verdadeira determinação dos princípios da razão.

Sua preocupação pedagógica insere-se numa autêntica perspectiva iluminista, em que

a difusão da educação estava intrinsecamente ligada com a crescente ampliação da idéia de civilização. O conceito de civilização nos escritos de Volney está diretamente associado à idéia de progresso, idéia que assume então, com a revolução francesa, a perspectiva de instauração do novo que se propagará passo a passo a todos os povos, num desenvolvimento contínuo, tanto interno quanto externo. Como Volney mesmo declara, o solene brado de igualdade e liberdade retumbou na França e produziu um movimento de surpresa e confusão no seio das nações.

Volney é um homem que viveu no período revolucionário francês e por isso a sua obra é importante para nós. Como homem do iluminismo, suas teorias são fruto exatamente da correlação entre a teoria iluminista e a Revolução. A partir dela, percebemos que Volney é um homem tipicamente moderno e que via a Revolução de uma maneira otimista e positiva. Talvez seja por isso que a sua obra tenha sido relegada a um segundo plano, principalmente no contexto conservador e contra-revolucionário de grande parte do século XIX europeu. ■

Bibliografia

- BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. *Les Écoles Historiques*. Paris: Editions du Seuil, 1983.
CHATELET, François. *História da Filosofia, Idéias e doutrinas. O iluminismo, o século XVIII*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, 4º. volume.
FALCON, Francisco José Calazans. *Iluminismo*. São Paulo: Ática, 1986.
HAZARD, Paul. *O pensamento europeu no século XVIII*. Lisboa: Presença, 1983.

- KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”? In: *Textos Seletos*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
LEFEBVRE, Georges. *El nacimiento de la historiografía moderna*. Barcelona: Ediciones Martinez Roca, 1974.
L’HISTOIRE au Dix-Huitième siècle. Colloque d’Aix-en-Provence – 1er, 2 et 3 mai 1975. Aix-en-Provence: EDISUD, 1980.
VOLNEY, Conde de. *As ruínas de Palmira – Meditação acerca da destruição dos impérios*. Lisboa: Liv. Renascença, s/d.

